



projeto: dez andares refinados em estilo europeu clássico, varandas ornadas com estátuas de cabeças gregas esculpidas em pedra, colunas, escadas e corredores de mármore natural, elevador Schindler do modelo mais moderno... [...] (ASWANY, 2009, p. 15).

O narrador conta-nos que assim como o Egito passou por várias mudanças desde 1934, o mesmo aconteceu ao Edifício Yacubian. De endereço de ricos estrangeiros ou paxás e latifundiários egípcios, o edifício viu-se em 1952 como a moradia dos militares da revolução. Nesse período, o telhado do prédio, antes usado como despensa ou canil, passou a abrigar os empregados de tal elite emergente. Em 1970, mais uma mudança, dessa vez com a abertura econômica de Sadat. Nessa época, o centro da cidade perdeu prestígio e os ricos mudaram-se para os subúrbios, deixando muitos apartamentos do Edifício Yacubian ocupados como escritórios, e os cubículos do telhado como moradias independentes da vida no restante do prédio. Está aí coisificada, em edifício, a história recente do Egito. Da monarquia ocidentalizada a Nasser, do Nasser nacionalista e laico ao Sadat da abertura econômica e da volta islâmica.

E não apenas o prédio funde as características egípcias, mas também o fazem seus moradores. De um lado, ricos condôminos – como Zaki el Dessuqi e Hatim, egípcios que com seus hábitos, (des)crenças e roupas ocidentais encarnam o Egito pré-revolução nasseriana, ou Hagg Azzam, que devido à origem pobre mantém a tradição religiosa ao mesmo tempo que domina o mundo dos negócios. Há, ainda, outra classe, a dos moradores do telhado, homens e mulheres pobres que sonham com alguma mudança (se não para todo o país, pelo menos para si próprios).

Outro aspecto que merece análise, esta mais especulativa, diz respeito à posição do narrador. Muito embora o livro seja dividido em pequenos fragmentos, ora focando-se em um personagem, ora em outro, o narrador que os conta é o mesmo. Além disso, em se tratando de um discurso abertamente político, como é o caso, é de se esperar que o narrador não seja tão flexível quanto aos vários pontos de vista a respeito dos temas que aparecem.

Dentre os condôminos, são narradas as histórias de Zaki el Dessuqi, Hatim e Hagg Azzam. O primeiro, um homem seguidor de uma moral que o afasta da religião ao substituí-la pelos valores humanitaristas, permitindo-lhe, dessa maneira, o álcool, a promiscuidade ao mesmo tempo em que é descrito como um homem carinhoso e bom. Hatim, como Zaki, um homem de família outrora prestigiada, é também adepto a práticas consideradas ocidentais, tais como o consumo de álcool e a homossexualidade.

Hagg, outro personagem central, acumulou riqueza através do próprio trabalho e, devido a sua origem pobre, sua moral é situada no âmbito da religiosidade. Hagg Azzam, ao contrário de Zaki, é fiel ao islã, porém apenas enquanto a religião vai ao encontro de suas vontades (como o caso do aborto de Suad – sua segunda esposa – exemplifica); no geral, o personagem é descrito como um homem corrupto e manipulador. Assim sendo, o narrador nos coloca diante de um anti-herói, Zaki, e um vilão, Hagg Azzam.

Quanto aos personagens pobres, estes não contam o passado do Egito, e sim seu presente, no qual as oportunidades são poucas e o desejo por uma ascensão social é maior do que o desejo por mudança social. O casal Taha e Buthayna, por exemplo, é mostrado no início do livro como um casal fiel à religião e que sonha com um apartamento, filhos e renda segura. Os desejos de Taha e Buthayna vão mudando a partir do contato desses personagens, antes inocentes, com as injustiças e humilhações às quais os pobres têm de se submeter. Taha não é aceito na Faculdade de Polícia por sua ascendência e Buthayna é encorajada pela mãe a manter-se no emprego mesmo que o empregador seja, como grande parte das figuras masculinas do livro, um aproveitador sexual. A partir dessas duas experiências vividas pelo casal, Taha e Buthayna se distanciam um do outro para personificarem duas faces da atual geração egípcia.

Taha passa do sonho de ascensão social puramente dito para o sonho de igualdade entre os egípcios quando entra na Universidade do Cairo e tem contato com o grupo Islamyia. Buthayna, por outro lado, não acredita em um futuro no próprio país, e já que não pode ir ao *estrangeiro*, lugar de oportunidades, concentra-se tão somente em ganhar dinheiro para seu enxoval e para sua família. E é dessa forma que os destinos de Taha e Buthayna parecem encaminhar-se para dois ideais. Taha, como um herói épico, busca mudança social, a qual, segundo imagina, deve vir mediada pelo islã. Buthayna, como uma típica heroína de romances, está em busca de ascensão social, o que lhe será conferida através do casamento com o Egito do passado, ou seja, com Zaki el Dessuqi. Novamente acerca da posição central (mesmo que inevitavelmente subjetiva) do narrador, seu julgamento dos personagens merece atenção, pois pode apontar para com qual(is) Egito(s) ele se identifica. A ausência de personagens pobres que retomem o passado do Egito é uma ilustração disso, pois essa ausência impede-nos, leitores, de ter uma segunda opinião sobre aquilo que idealiza Zaki. Nesse contexto, a moral e a religião vistas como elementos separados, e em personagens distintos, nos temas da homossexualidade, promiscuidade, riqueza, pobreza, opressão, luta etc. relacionam-se tão mais ao caráter ambíguo do narrador, quanto menos à figura geral do Egito.

Momentos como o casamento de Buthayna ou a morte de Taha em um *jihad*, por exemplo, sinalizam traços da subjetividade do narrador ao apresentar alguns de seus posicionamentos diante do que narra.

Segundo o narrador, os tempos áureos do Egito recendiam à França e à Inglaterra, mas a figura que temos da cidade do Cairo é a de uma próspera capital. Não sabemos, contudo, exatamente para quem ela era próspera, pois dessas narrações apenas as elites fazem parte. Os anos 1970, por outro lado, são desta forma expostos:

Depois, vieram os anos 70, e a área central começou a perder importância, e o coração do Cairo se deslocou para onde a nova elite vivia, em Muhandissin e Medinet Nasr. Uma onda inexorável de religiosidade varreu a sociedade egípcia e beber álcool passou a não ser mais socialmente aceitável. Sucessivos governos egípcios se curvaram à pressão religiosa (e tentaram talvez neutralizar politicamente a oposição da corrente islamista) [...] (idem, p. 39).

Essa relação entre religião e política é mais complicada do que se pode supor à primeira vista, pois há de se pensar qual dos dois polos é disfarce do outro. Segundo Zaki el Dessuqi: “A razão de o país ter decaído é a ausência de democracia” (idem, p. 222). Ou seja, pode-se pensar que o governo se curvou à religião, ou que a religião é apenas um ótimo disfarce para a política ditatorial. Não é impossível de se cogitar, então, que a perspectiva do narrador por vezes carregue em seu discurso um pouco da voz orientalista. Em outras situações, o narrador mostra-se ambivalente ao apresentar um mosaico de fatos e personagens contraditórios e, principalmente, ao dar espaço para que estes se desenvolvam em suas muitas interpretações, como acontece quando da morte de Taha:

Depois, pareceu-lhe [a Taha] que a dor terrível desaparecia aos poucos, e sentiu uma estranha paz que o envolvia e o atraía. Um balbúcio de sons distantes chegou a seus ouvidos – sinos e sons de recitação e murmúrios melódicos – repetindo-se e se aproximando dele, como se lhe dando as boas-vindas a um novo mundo (idem, p. 271).

O *jihad* de Taha abre possibilidades de resistência, pois os sinos que escuta sugerem que sua luta não fora vã, primeiro porque combateu o inimigo (pessoal e ideológico), depois porque a morte vinha-lhe como ele a havia imaginado. Aqui há uma reiteração da complexa relação entre religião e política, visto que Taha usa o islã para combater o governo, que se diz religioso.

Por fim, é preciso chamar a atenção para o fato de *O Edifício Yacubian* ser considerado um *bestseller* em muitos países árabes, e não apenas no Egito, tendo sido até mesmo adaptado para o cinema, em filme de mesmo nome estreado com sucesso no ano de 2006. O filme, do diretor Marwan Hamed, é o mais caro da história do Egito e foi assistido na estreia oficial, no Cairo, por milhares de pessoas, de intelectuais a chefes de governo – estando, contraditoriamente, censurada a presença do escritor Alaa Al Aswany na sessão.

Este fato em si mostra-nos o quanto as questões políticas, religiosas e sociais estavam em movimento nos próprios países árabes, os quais muito antes das revoluções que agora lemos nos jornais reivindicavam leituras mais complexas do que aquela que os ocidentais estávamos (e talvez ainda estejamos) dispostos a dar-lhes, como países homogêneos e entendidos simplesmente por suas situações políticas radicais. Vemos no caso de *O Edifício Yacubian* (enquanto livro, série e filme) que a próxima comunicação entre as artes e seus consumidores compreende um universo de discussão ideológica e identitária a qual, segundo comentário de Alaa Al Aswany ao *The Guardian*, não demoraria muito a chegar às ruas: “Estou te falando, isto [a democracia] não está longe. Não posso prever uma data específica, mas nós estamos preparados. Nossos advogados e médicos são tão numerosos quanto a população de alguns países árabes. No Ocidente, há 180.000 egípcios com doutorado”<sup>2</sup> (tradução minha). E a revolução realmente não demorou a chegar às ruas, ainda que isto não signifique necessariamente a democracia e muito menos que esteja sendo protagonizada por médicos e advogados no exterior.

## Referências

*O Edifício Yacubian*. Direção de Marwan Hamed. São Paulo: Imovision distribuidora, 2006. DVD (161 min): son., color. Legendado. Port.

2 No original: “I am telling you, it is not far away. I can’t tell you a particular date but we are prepared. Our lawyers and doctors are as great in number as the populations of some Arab countries. In the west, there are 180,000 Egyptians with PhDs.” Disponível em: <<http://alaaalwany.maktoobblog.com/1617696/>>. Acesso em: 30 abr. 2011.